**Ladainha do Meio-dia**

O Autonomico

*Bento XV é o "pae commum dos fieis, o mestre infallivel da doutrina do amor e o promotor e conservador da paz.*

Com o grande liberal inglez Pitt bradamos: —Só Roma pode fazer ouvir uma voz imparcial e livre de toda a preoccupação estranha.

*Paulo Relvas*

PARADOXAL

Viveu ha bastantes annos em França um Padre, de uma competencia scientifica bem provada. Os seus contemporaneos, que a elle se referem, fazem a devida justiça ao eminente scientista, que honrou a Companhia de Jesus com o nome de Padre Harduino.

Este grande homem de saber teve porem uma infelicidade: foi a de affirmar sempre o que todos negavam, e negar o que todos affirmavam, sendo por isso chamado o *Doutor paradoxal*.

Observando-lhe um dia um irmão da Companhia aquelle espirito de contradicção com que um homem de tão reconhecido saber affirmava em todas as suas obras o contrario do que toda a gente pensava, sabem os leitores com que se sahiu o Padre Harduino?

Com esta:

O' irmão, sabes que ha 40 annos me levanto cêdo para me entregar aos meus estudos, e entendes que fazia tamanho sacrificio para dizer o que os outros dizem?

Não sei a que horas se costuma levantar o Sr. Doutor Theophilo Braga; mas é de crer que tenha o habito de madrugar, pelas referencias que vi fazer em tempo ás somnolencias faceis de S. Ex.ª nas sessões ministeriaes da sua primeira presidencia provisoria.

E a ser assim, como é de suppor, o illustre professor do Curso superior de lettras, com os foros de madrugador, julga se auctorisado a negar o que toda a gente affirma, e *vice versa*, e passou a fazer no nosso tempo o papel que, no seu, fez o celebre Padre Harduino.

Um exemplo basta, entre muitos, que se podiam mencionar.

Numa conferencia em que S. Ex.ª ha pouco se propoz excitar os brios patrioticos dos lisboetas, sahiu-se o Sr. Theophilo com esta: *Para que haja civilisação é mister abolir monarchas e deuses.*

Chamar ao Sr. Doutor Theophilo Braga Doutor Acacio é injuria de mais, se bem que o grande Camillo o chamou *escalracho* da litteratura portugueza.

O que me parece pois, em homenagem ao reconhecido saber do nosso patricio illustre, é que o Sr. Doutor Theophilo deve passar a chamar se o *Doutor paradoxal*.

P. M.

AZULEJOS

XI

**Ladainha do Meio-dia**

Meio-dia. Sol a pino.
O calor abafa e sufoca.
No chão gretado e poeirento as sombras recortam-se com uma nitidez quente.
A aragem escalda como um bafo infernal e sente-se tremer o ar por este silencio de morte.
A' beira dos ninhos os passaros espreitam calados o martirio da terra sedenta.
Paira uma angustia sinistra na vastidão dos campos.
Lento o fumo sobe dos casaes, azulando-se no ar.
Da fonte, que toda a primavera cantou numa alegria ruidosa e pagã, só um fio de agua melancolico escorre agora a sua frescura fugidia.
Rosas desmaiam nos canteiros perturbadas pelo seu proprio aroma.
E as outras flores, mais debeis, inclinam a cabeça, tristemente, na resignação da morte.
Nesta pausa anciosa do dia os braços das arvores tem o gesto implorativo das mãos postas.
A Hora pesa numa realidade fatidica.
Meio-dia. Sol a pino.
A primeira badalada magestosamente soa da velha torre sombria.
Uma unção religiosa penetra agora a expressão torturada das coisas.
A Paisagem compõe o seu sentido ascetico.
Recolhe-se dentro de si mesma e fica meditando o segredo da sua dôr.
Extatica a terra relembra a longa primavera do seu noivado com o sol brando e acariciador na delicia do beijo genesiaco.
Uma grande saudade a toma e a desfalece...
E o sol abrasa mais ainda o torrão bemdito, que ostenta a larga e deleitosa abundancia da sua fecundidade.
A' terceira badalada um galo altivo canta o momento da libertação.
E logo o sol principia a declinar e, no ruido da vida que recomeça, os cantos das aves enchem o ar de uma alegria festiva e triumphal.
A vida retomou a sua verdadeira forma de liberdade creadora.
A alucinação da Hora finou-se na sua propria tragedia.
Agosto de 1916

V. de C.

ECHOS

**Em plena fraternidade**

Transcrevemos do «Diario de Noticias», sem mais commentarios, que se dispensam:

A policia acompanhou hontem de tarde ao hospital de S. José uma pobre velha que encontrou caida na rua, cega e com o nariz corroido por molestia cancerosa.

Porem no hospital não a quizeram receber, e a policia, para que a pobre velha não estivesse na rua a dar espectaculo visto que, em volta della se juntou muito povo a commentar o facto, chamou um trem e conduziu a para o Governo Civil.

Ali a desgraçada encontrou por cama as pedras da calçada do pateo, fazendo cabeceira dum degrau de pedra de uma porta. Chorava! Tinha dores! Tinha fome! Tinha sêde! Um guarda humanitario lá foi a uma taberna comprar comida para lhe dar e pedir um copo para ella beber agua! Depois lá ficou toda a noite deitada nas pedras ao relento. Uma deshumanidade!

**Opinião insuspeita**

O sr. Mayer Garção, republicano e bem insuspeito de reaccionarismo, escreve estas palavras:

Não ha razão para que os soldados portuguezes, na sua grande maioria creados por mães que os ensinaram a orar, cuja infancia decorreu, para a maior parte, á sombra do campanario de uma aldeia, cujos amores brotaram junto da cruz do adro, que a ramagem do arvoredo recobre—não ha razão para que elles não tenham o mesmo amparo espiritual que, em França, porventura, em tamanho grau tem contribuido para as maravilhas de Verdun. Só poderá contestar-lhe um estreito espirito sectario.

Mas a maçonaria não quer, os livres pensadores oppõem-se, os *socios* do registo civil protestam. Veremos, pois, se o governo tem força para cumprir o que prometteu e dar satisfação aos desejos da nação portugueza, que não é toda socia do registo civil.

Todas as nações em lucta teem capellães militares nos seus exercitos. Curioso seria que Portugal fizesse excepção.

**Dolorosas verdades**

Duma carta escripta pelo sr. Homem Christo, filho:

Fiz nesse sentido os maiores esforços. Mas depressa me convenci de que uma publicação como a «Ideia Nacional» não tem condições de vida entre nós, pelo menos durante esta epocha desgraçada, porque o nosso publico só se preoccupa com as macaquices da nossa vida politica, ou com as tomadas do Jallito, os chás com tango ou sem tango e os cinematographos com ou sem mysterios de New York. Nisso se resume a vida intellectual da nossa terra; e, é claro, em taes circunstancias não ha logar para uma revista como a «Ideia Nacional».

M. J.

EM POUCAS LINHAS

**Avarias e contra-avarias.** Na estação telegrapho postal d'esta Villa demora-se o publico ás vezes tempo sem fim, por o respectivo chefe estar ao *aparelho* e o distribuidor andar repartindo a mala ordinaria,—serviço que *bem pode ser feito no proprio dia da chegada*; na mesma estação e em quasi todas as outras d'esta ilha ha pobreza franciscana de impressos e outros utensilios de expediente, apesar de constantes reclamações dos encarregados; as linhas telegraphicas, quer do norte quer do sul, andam frequentemente avariadas, não por desleixo dos empregados, segundo nos consta, mas por *velhice* e falta de fio, que só com demasiada parcimonia é de vez em quando concedido; e mais avarias talvez haja ainda n'este importantissimo ramo de administração publica, em extremo rendoso para o paiz.

Como vêem, isto é de mais e vergonhoso.

A outros ramos de administração, porem, menos rendosos e de menos circunstancia, é que nada falta; antes pelo contrario, até teem tudo do bom e á farta, e em empregados, então, é melhor não fallar n'isso. Em alguns, só elles absorvem por completo os rendimentos, se não vão mais alem. E' ler o que vae pela «Assistencia Publica», por exemplo...

Até aqui as *avarias*, agora vamos ás *contra-avarias*.

Senhores governantes do nosso paiz, attentae n'este estado de coisas deveras deprimente, provendo de pessoal as estações telegrapho postaes que d'elle tenham falta, como a nossa, fornecendo com promptidão os impressos e material que sejam requisitados e mostrando mais solicitude e mais zelo por esse tão descurado serviço dos correios; porque assim o reclamam as circunstancias em que elle se encontra e porque o dinheiro que pagamos dá para isso e para mais ainda, se não for malbaratado.

**Transcrição**

AZULEJOS

**XI**

**Ladainha do Meio-dia**

Meio-dia. Sol a pinto.
O calor abafa e sufoca.
No chão gretado e poeirento as sombras recortam-se com uma nitidez quente.
A aragem escalda com um bafo infernal e sente-se tremer o ar por este silencio de morte.
A’ beira dos ninhos os passaros espreitam calados o martirio da terra sedenta.
Paira uma angustia sinistra na vastidão dos campos.
Lento o fumo sobe dos casaes, azulando-se no ar.
Da fonte, que toda a primavera cantou numa aleria ruidosa e pagã, só um fio de agua melancolico escorre agora a sua frescura fugidia.
Rosas desmaiam nos canteiros perturbadas pelo seu proprio aroma.
E as outras flores, mais debeis, inclinam a cabeça, tristemente, na resignação da morte.
Nesta pausa anciosa do dia os braços das arvores tem o gesto implorativo das maõs postas.
A Hora pesa  numa realidade fatidica. Meio-dia. Sol a pino.
A primeira badalada magestosamente soa da velha torre sombria.
Uma unção religiosa penetra agora a expressão torturada das coisas.
A Paisagem compõe o seu sentido ascetico.
Recolhe-se dentro de si mesma e fica meditando o segredo da sua dôr.
Extatica a terra relembra a longa primavera do seu noivado com o sol brando e acariciador na delicia do beijo genesiaco.
Uma grande saudade a toma e a desfalece…
E o sol abrasa mais ainda o torrão bemdito, que ostenta a larga e deleitosa abundancia da sua fecundidade.
A’ terceira badalada um galo altivo canta o momento da libertação.
E logo o sol principia a declinar e, no ruido da vida que recomeça, os cantos das aves enchem o ar de uma alegria festiva e triumphal.
A vida retomou a sua verdadeira forma de liberdade creadora.
A alucinação da Hora finou-se na sua propria tragedia.
Agosto de 1916

V. de C.

## DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de https://modernismo.pt/
está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.